

Suplemento Cultural

Cora Coralina no 12º Recital 'Arte de Dizer'

RUBENIO MARCELO – poeta/escritor e secretário-geral da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

Mais uma vez o 'Curso de Declamação Castro Alves', da professora, poeta e acadêmica Elizabeth Fonseca, apresentará um espetáculo ímpar da autêntica *Arte de Dizer*. É o seu *XII Recital de Poesias*, que ocorrerá na próxima quarta-feira (22/10, a partir das 19h) no Teatro Aracy Balabanian (Rua 26 de Agosto, 453 – Campo Grande).

O tradicional acontecimento – aberto, sem fins lucrativos – que a cada ano celebra notável potencial artístico, convoca mais uma vez o público para uma inesquecível viagem pelas sendas fecundas da arte poética e da magia dos versos recitados. Nesta edição será homenageada a poeta goiana Cora Coralina (celebrando os 125 anos de seu nascimento).

Acerca da Declamação como expressão artística, lembro que a nossa saudosa amiga Nildes Tristão Prieto (1/10/1956 - 19/09/2013) – que, como Elizabeth Fonseca, era formada (nesta arte) pelo *Curso Maria Sabina* – afirmava com sabedoria: "A *Arte de Dizer* é um agente transformador, um entusiasmo que liberta, promove autoestima, desenvolve a sensibilidade, criatividade, raciocínio, memória, voz e comunicação; contribui para o autoconhecimento; amplia a



POETISA CORA CORALINA (1889-1985) – homenageada do Recital 'Arte de Dizer' – definida por Drummond como "um ser geral, coração inumerável"

que irão mostrar duas composições autorais. Tudo está cuidadosamente preparado por Elizabeth Fonseca (e seu esposo Nelson) e toda a equipe do *Curso de Declamação Castro Alves*, para que o privilegiado público possa (em ambiente familiar e aconchegante) desfrutar de um evento tocante e pleno de lazer. Assim tem sido em todas as edições do [sempre concorrido] Recital – arte pulsante e legítima, feita com seriedade, dignidade e abnegação natural: na

visão cultural; ajuda a vencer barreiras como o medo de falar em público e a inibição".

Este 12º Recital será dividido em três partes e, nos intervalos dos blocos de declamações, haverá apresentações de números musicais ao vivo: com Galvão (voz/violão – intervalo 1) e com Rubenio Marcelo (voz/violão – intervalo 2),

“

Acerca da Declamação, (...) Nildes Tristão Prieto afirmava com sabedoria: 'A Arte de Dizer é um agente transformador, um entusiasmo que liberta, promove autoestima, desenvolve a sensibilidade, criatividade, raciocínio, memória, voz e comunicação'”

linha daquele pensamento de Ariano Suassuna: "Arte não é produto de mercado, é missão, vocação e festa".

São iniciativas desta natureza que nos fortalecem e nos animam a seguir em frente, na luta renhida do cotidiano. Destarte, realizações autênticas como esta – dotadas de consistência, reti-

dão e beleza – são sempre bem-vindas e têm que receber o devido apoio de todos. Portanto, anote na agenda: quarta, 22 (à noite, no Aracy, entrada franca), vamos saborear a justa e perfeita harmonia das belas artes poesia/declamação e música.

E vamos curtir especialmente a maravilhosa obra poética da eterna "Cora dos Goiáses", a imortal 'feiticeira do verso' Cora Coralina (20/08/1889 - 10/04/1985), que nasceu Ana Lins dos Guimarães Peixoto. A ela, que conheci de perto (num final de semana distante – início da década de 80), escrevi este poema: **Canção para Coralina:**

Dos becos de Goiás eu sei a cor...
estórias de Goiás eu sei de cor
de cor ainda
em tez cristalina

pois ouvi Cora Coralina!
Dos moinhos do tempo eu sinto a dor...
ao som do rio vermelho abrigador
abrigo ardor
e ancoro ainda

pra viver Cora Coralina!
Do velho Goiás Velho vem renovo
nos pendões que me fecundam de novo
e me trazem da paz todo o rebrilho
na Oração do Milho
em coro ainda... em Coralina
Cora Coralina!

Supermulher

AMÉRICO CALHEIROS

Enquanto a década de setenta, do século passado, marcou a liberação feminina em todos os aspectos, a década de oitenta trouxe em seu bojo a figura da supermulher.

Vestida para trabalhar fora de casa, cuidar dos filhos, do marido e ainda encontrar um tempo para ser mulher-amante, realmente a mulher entrou em um novo tempo.

Depois de atravessar o limiar de todos os desafios à sua capacidade de ser trabalhadora, executiva, arimo de família, empresária e desempenhar outras tantas facetas no mundo, até então de propriedade exclusiva dos homens, a mulher dominou novos códigos e vendeu muitas etapas importantes nesse novo caminho.

O esforço para exercer com competência essas tarefas começou a pesar fortemente nos ombros e no coração dessa que tinha chamado para si o fardo de ser uma supermulher.

Hoje, ninguém mais duvida da sua competência nas mais diferentes searas e, embora ainda tenha muito a conquistar na questão relacionada ao reconhecimento financeiro de seu trabalho, ela já vive sob auspícios égide.

Nesse meio tempo, entretanto, uma coisa a mulher já concluiu: é impossível ser a supermulher, no sentido mais humano da palavra.

Esse século vem-lhe consolidando uma nova postura diante de si mesma e da sociedade que lhe determina conciliar, harmoniosamente, o papel de ser mulher com uma qualidade de vida coerente, sensata e enriquecida em seus múltiplos ângulos.

Isso significa, principalmente, rever conceitos firmados na época da

revolução feminista, reavaliar atitudes, reconsiderar a proporção das conquistas efetivadas nessas três décadas e abrir a emoção e a razão para as novas perspectivas que se apresentam.

Uma coisa é certa: essa sobrecarga de jornadas, compromissos e o excesso de cuidados para com os outros têm que ceder lugar também aos cuidados para com sua pessoa, seu universo e seus sonhos.

Parece que o parafuso foi apertado ao extremo, e o que resultou desse arrocho é a determinante necessidade de se reequilibrar, bem como tudo que está a sua volta e sob sua dependência.

Retomar o contato com os sentimentos mais bonitos que a alma feminina acalenta, dar-se novamente a oportunidade de encostar a cabeça num ombro amigo, amar e ser amada sem restrições, sem medo e sem competição, é talvez a importante direção a ser trilhada.

Depois que a guerra dos sexos deu lugar à bandeira branca, estabeleceu limites para ambos os lados e concluiu que mulher e homem querem direitos iguais, preservando suas diferenças e peculiaridades, tudo ficou mais claro e melhor.

O fato é que, se externamente o pior já passou, internamente é preciso sair dessa casca dura que a acidez do mundo dos homens impingiu à mulher nessa sua briga por um mundo onde sua presença seja aceita com a merecida isenção.

E a mulher, sem superlativos, está na senda do possível quando percebe que não é mais preciso ser o máximo, nem o mínimo, nem dominar ou ser dominada e, muito menos, travestir-se de forte e dura, quando na verdade, hoje, pode e deve simplesmente aposentar a armadura de supermulher e ser ela própria.

NOTÍCIAS DA ACADEMIA

1. Acadêmica Elizabeth Fonseca organiza mais um Recital – Acontecerá nesta quarta (22/10, 19h), no Teatro Aracy Balabanian, o 12º Recital de Poesias do Curso Arte de Dizer Castro Alves, tradicional acontecimento – aberto, sem fins lucrativos – que, a cada ano, é organizado pela professora e poeta/acadêmica Elizabeth Fonseca. Nesta edição, o Recital – que homenageia a poeta goiana Cora Coralina (celebrando os 125 anos de seu nascimento) – será dividido em três partes (sendo um dos blocos dedicado ao público infantil) e, nos intervalos, haverá apresentações de números musicais ao

vivo: com Galvão (voz/violão – intervalo 1) e Rubenio Marcelo (voz/violão – intervalo 2).

2. Música do acadêmico Rubenio Marcelo é classificada como finalista do FUC – Acontecerá na próxima sexta (24/10, 20h), no Teatro Glauce Rocha (com entrada franca), a final do 22º Festival Universitário da Canção, que nesta edição tem – entre as concorrentes – a música "Enlevo", do poeta/acadêmico e compositor Rubenio Marcelo, em coautoria com o compositor Galvão. A composição será interpretada pelo cantor Paulo Manassés.

POESIAS

A SOBERBA

Soberba é a necessitada

Que a todos estende a mão...

Mas vira o rosto zangada

Quando muito não lhe dão!

É a revolta da pobreza

Que a pretensão de nobreza

Marcou de forma fatal...

Recusa o pão se tem fome,

Sem mostrar que se consome

Numa lástima integral!

RUBENS DE CASTRO

VALORES

Tal como a olharem todos para o céu,
Buscando ver "tão perto" o alhures Marte,
No longe da saudade fui buscar-te
Pra ver-te junto a mim, embora ao léu!

Busquei-te em todo caos e em toda Arte,
No mel mais doce ou mais amargo fel...
Do mundo além-sidéreo ergui o véu,
Busquei-te, Amor, em ti e em toda parte!

E eis que te encontro em tudo dissolvida,
Do macro ao microcosmos dando a vida,
Com teu canto de fada idolatrada..

Mas, a mim, o teu canto fazes mudo:
Pois nunca ao nada cantas, só ao tudo;
E meu tudo, pra ti, só vale nada!

HUGO PEREIRA DO VALE

AVENTURA

Deitei meu olhar na distância,
nos limites do azul.
Transportei-me ao horizonte
e nos umbrais do infinito
contemplei o Absoluto.

No equinócio da Coisa
não vi a razão do Tempo
nem o sentido dos valores...

Só a sensação de espaço,
de um espaço vazio,
que me anulava como ser.

– Quando voltei a mim,
emerso do Nada,
tinha duas lágrimas nos olhos.
Aldo de Queiroz

GERALDO RAMON PEREIRA

Melancia

RAQUEL NAVEIRA

Gosto de ir à feira. Uma festa para os sentidos, as bancas repletas de frutas, verduras, legumes. Os peixes prateados no gelo. As barracas de flores. As formas, os odores, os sucos, as cores. A beleza da natureza pronta para um quadro, uma tela, um pedestal.

Nesta mesa forrada de plástico verde e branco, destacam-se os pedaços de melancia, tão vermelha e doce. As numerosas sementes negras gritam um hino à abundância, à fecundidade, às origens.

Vi-me criança no sítio. Era verão. O sol quente parecia cuspir fogo como um dragão. Os feixes de arroz eram cortados a foice. Uma trilha nos levava ao córrego, um riacho frio que fluía entre as pedras. Iolanda, filha mais velha dos caseiros, ia à frente, com a trouxa de roupas. Tinha cabelos crespos, olhos verdes e o ar de camponesa rude que conhece os segredos da terra e seus perpétuos reinícios. Passamos pela roça de melancias. A planta de caule mole subia pelo arame farpaço, retorcia-se pelo chão como uma

serpente, envergava-se ao peso volumoso dos frutos de casca listrada e luzidia. Eu olhava aqueles frutos com satisfação, maturando projetos na minha vida de sonhadora. Aqui e ali, no solo seco e arenoso, na erva trepadeira, sempre renascida, brotavam flores amarelas. Iolanda agora carregava roupa e melancia pelo caminho. Chegamos ao córrego, onde uma tábuia servia de tanque e escoregador. Penetrávamos na água sem espuma, os pés na lama, como se entrássemos num corpo de alma úmida. Éramos donzelas e os peixes sumiam.

Contei para Iolanda aquela história do Américo Pisca-Pisca, que Dona Benta, do Sítio do Picapau Amarelo, narrou à travessa boneca Emília para dissuadi-la de querer reformar a natureza. Américo Pisca-Pisca tinha o hábito de colocar defeito nas coisas. O mundo para ele estava todo errado. O pomar era prova disso: a jabuticabeira enorme dava frutas pequeninas e as colossais melancias eram presas ao caule de uma planta rasteira.

Américo resolveu tirar uma boneca, à sombra da jabuticabeira.

Dormiu e sonhou com um mundo novo reformado por suas mãos. De repente, uma jabuticaba caiu e se esborrachou no seu nariz. Américo despertou, meditou sobre o caso e reconheceu que o mundo não era tão mau: – Se o mundo fosse arranjado por mim, a primeira vítima teria sido eu, morto por uma melancia. Iolanda riu, pisca-piscou:

– A natureza tem cada uma. Às vezes o vento e os pássaros enxertam as plantas. Por isso é preciso tomar cuidado. Nunca plantar melancia perto de porungo, aquele fruto seco como coco. A melancia mofa. A cabaca enche d'água. Melancia é bom perto do córrego e porungo, longe. Melancia é suculenta. Porungo é duro, feito para guardar mel de abelha. Melancia tem polpa e porungo fibra. Porungo vira cuia de chimarrão e tereré. Chocalho de índio. Melancia a gente corta em fatias e devora na boca. Cada coisa tem sua serventia.

Compro a melancia inteira, pesada como um ventre grávido. Vai direto para a geladeira, pensei. À noite, lá, no meu passado, uma seireia saiu do córrego, recostou-se na tábuia e ficou chupando melancia.